INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
CURSO DE FILOSOFIA

MARCOS ROBERTO VIEIRA

A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DE ROUSSEAU EM *O EMÍLIO* E SUAS IMPLICAÇÕES HOJE

TERESINA
2010

MARCOS ROBERTO VIEIRA

A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DE ROUSSEAU EM *O EMÍLIO* E SUAS IMPLICAÇÕES HOJE

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí, como requisito para a conclusão do grau de Licenciatura Plena em Filosofia.

Cod. 4625
100
V657e

Teresina
2010

ICESPI - Biblioteca
10600 021.0144

Marcos Roberto Vieira

A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO DE ROUSSEAU EM *O EMÍLIO* E SUAS IMPLICAÇÕES HOJE

INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
(Curso de Filosofia)

Data de aprovação: _____ de_____ de 2010

Pe. Wellistony C. Viana
Dr. Pe. Wellistony Carvalho Viana
(Coordenador do Curso)

Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho
ORIENTADOR: Ms. Pe. José Anchieta Arrais de Carvalho

_____
1º. LEITOR

José Ivan Nobre de Sousa
_____
2º. LEITOR

Conceito_____

Dedico este trabalho ao excelentíssimo e reverendíssimo Dom Plínio José Luz da Silva, bispo diocesano de Picos.

Agradeço a Deus, autor e princípio da vida, à Igreja diocesana de Picos na pessoa do excelentíssimo e reverendíssimo Dom Plínio José Luz da Silva, à minha família, aos amigos e benfeitores do seminário e ao meu amigo Raimundo José Ribeiro da Silva, seminarista da Diocese de Parnaíba. Aos meus professores minha gratidão.

O homem verdadeiramente livre só quer o que pode e faz o que lhe agrada. (Jean-Jacques Rousseau)

RESUMO

VIEIRA, Marcos Roberto. **A concepção de educação de Rousseau em *O Emílio* e suas implicações hoje.** 2010. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura Plena em filosofia). Instituto Católico de estudos Superiores do Piauí. Teresina, 2010.

Os grandes temas desenvolvidos ao longo da obra *O Emílio* como a liberdade, a moralidade, a sensibilidade etc. afirmam sua visão de Rousseau acerca do homem. A visão de educação que Rousseau defende é a educação negativa, ou seja, não ensinamento da virtude e a preservação dos vícios. A sua pedagogia, embora de contexto iluminista, influenciou as pedagogias do final do século XIX, as chamadas pedagogias não diretivas e também o movimento da escola nova.

Palavras-chaves: Rousseau, liberdade, moralidade, sensibilidade, educação negativa.

ABSTRAT

VIEIRA, Roberto Marcos. **The concept of education in Rousseau's Emile and its implications today**. 2010. 38 f. Completion of course work. (Full Degree in philosophy). Catholic Institute of Higher Studies of Piaui. Teresina, 2010.

The major themes developed throughout the book Emile as freedom, morality, sensitivity etc. assert their vision of Rousseau's man. The vision of education that Rousseau argues education is negative, i.e, no teaching of virtue and the preservation of the vices. His education, though in the context of the Enlightenment, influenced the pedagogy of the late nineteenth century, the so-called non-directive pedagogy and also the movement of the new school.

Keywords: Rousseau, freedom, morality, sensitivity, negative education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....08

CAPÍTULO I – A liberdade como valor supremo em Rousseau.....10

1.1. Educação integral da criança.....10

1.1.1. A educação moral.....11

1.1.2. Educação da intelectualidade ligada ao interesse sensível.....13

1.1.3. Educação do corpo.....17

1.1.4. Educação da intelectualidade ligada à utilidade.....18

1.2. Primazia da emoção no processo educativo.....19

1.3. Contribuição da família no processo educativo.....20

CAPÍTULO II - Método natural e educação negativa.....23

2.1. O valor da experiência para a formação moral e política do educando.....24

2.2. A influência da pedagogia de Rousseau na Escola Nova.....27

2.3. Educação como construção da autonomia da criança.....30

CAPÍTULO III – Contribuição do modelo pedagógico de Rousseau e suas implicações hoje.....32

3.1. A pertinência da filosofia de Rousseau e seus reflexos na escola.....31

3.2. Implicações do pensamento de Rousseau na educação hoje.....34

CONCLUSÃO.....36

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

INTRODUÇÃO

"Observai a natureza e segui o caminho que ela vos traça. Ela exercita continuamente as crianças; endurece o seu temperamento com provas de toda espécie; e ensina-lhes, muito cedo, o que é uma dor e o que é um prazer". (Rousseau).

Nos séculos modernos (XVI, XVII e XVIII), correspondentes à complexa fase de "crise" da consciência européia, a filosofia afasta-se progressivamente do mero trabalho especulativo que a definiu na Antiguidade clássica e no período medieval. O pensamento terá, a partir de então, como elemento básico a fundamentação na experiência e a valorização da razão como critério último.

Jean-Jacques Rousseau (1712- 1778) nasceu em Genebra (Suíça) e viveu a partir de 1742, em Paris, caracterizada por grande efervescência de ideias liberais que culminaram na Revolução Francesa (1789). Rousseau vive, portanto em pleno Iluminismo e se confia no poder da razão humana para construir um mundo melhor centrado em novos ideais como tolerância religiosa, oposição ao autoritarismo, entusiasmo pelas técnicas e pelo progresso.

Mas Ele divergia em muitos aspectos do pensamento iluminista; além disso, não via com otimismo o progresso advindo da aplicação do aparato tecnológico sem o devido questionamento, contrapondo à civilização o ideal do bom selvagem. Desenvolveu programas de reforma social, na família e na política. Também traduziu este reformismo para a educação para a qual estabeleceu objetivos que superavam o simples instrucionismo e o modelo repressivo da educação. Esta deveria facilitar o contato íntimo com a natureza proporcionando ocasiões e meios para que o

conhecimento acontecesse, pois, segundo Rousseau, a própria evolução das crianças daria conta de grande parte do aprendizado.

Suas doutrinas foram precursoras da "educação nova", no século XIX, e abriram caminhos para a introdução das concepções científicas, psicológicas e sociológicas na educação. Segundo Rousseau, no contato íntimo com a natureza, introjetava-se, no coração humano, os critérios éticos para um julgamento autônomo entre o bem e o mal, entre o justo e o injusto.

A obra de Rousseau inaugura uma nova visão de infância e de sua educação, devendo, por isso, ser relida e reexaminada, sobretudo pelas questões que ainda hoje se colocam como desafios aos educadores, dentre as quais se destacam as proposições sobre a prática docente como desdobramentos de princípios políticos traduzidos em ação educativa.

Rousseau escreveu em 1762 a sua utopia pedagógica *O Emílio,* onde desenvolveu o seu projeto pedagógico. Esta obra é a história de um personagem, Emílio, que segue todos os passos do projeto de Rousseau, desde a infância até a idade da sabedoria, onde ele assumirá uma família e um trabalho. Este trabalho é uma descrição das duas primeiras fases do projeto de Rousseau, ou seja, a "idade da sensibilidade" e a "idade da razão".

No primeiro capítulo trataremos da liberdade como valor supremo para a educação, através da educação da moral, da intelectualidade ligada aos interesses sensíveis, do corpo, da intelectualidade ligada à utilidade. A segunda parte do capitulo falará sobre a primazia da emoção no processo educativo, e por fim a contribuição da família para a educação.

O segundo capítulo fará uma descrição do método natural e da educação negativa e também uma análise da Escola Nova, como reflexo dos ideais da pedagogia de Rousseau. O terceiro capítulo é uma tentativa de mostrar a contribuição de Rousseau para a escola hoje e suas implicações na elaboração de novos modelos educacionais na atual crise de paradigmas.

CAPÍTULO I

A LIBERDADE COMO VALOR SUPREMO PARA A EDUCAÇÃO

Este capítulo ressaltará a liberdade como valor supremo na educação do homem. Objetiva-se em refletir a seguinte questão: como educar o homem para a liberdade dentro das estruturas que o aprisionam? O modelo pedagógico de Rousseau considera a liberdade como "mola mestra". O homem é livre, por isso a educação que lhe deve ser propiciada também deve partir da liberdade. Assim, desde pequeno com os primeiros gemidos devem-se dar condições para que a criança se desenvolva para a autonomia, entretanto, é preciso respeitar o espaço que é próprio da criança. A liberdade como valor supremo é alcançada através de uma educação integral, na qual trataremos o modelo educacional de Rousseau nas duas primeiras fases, através da primazia da emoção no processo de educação e a contribuição da família.

1.1. Educação integral da criança

Podemos dizer que Rousseau propõe um projeto pedagógico, em nossa linguagem de hoje, que atende as necessidades de uma formação integral. Haja vista que não basta educar o homem apenas intelectualmente, ou sob qualquer outra dimensão, em face da complexidade da vida. Diante da especialidade da vida Rousseau sugere um processo educativo que abarque o homem inteiro e envolta as diversas áreas do conhecimento.

O sujeito utópico de Rousseau na obra *O Emílio* passou por este processo de educação. Embora o termo educação integral não tenha sido utilizado nós o adotamos a partir da leitura da obra citada. Assim, para ele, uma educação integral

deve abranger vários aspectos como a sensibilidade, a moral, o intelecto ligado ao interesse sensível, o corpo, o intelecto ligada a utilidade

1.1.1 A educação moral

Considerar o indivíduo como ser moral só é possível quando este tem consciência de si mesma e quando o desejo de conservar-se a si mesma é tomado em suas mãos. O homem se inquieta com a sua conservação na medida em que os meios estão em seu poder.

De onde vem a moralidade? Da natureza, ou imposta pela sociedade? A educação moral é ao mesmo tempo a educação da vontade, assim quando falamos de educação da vontade nos deparamos outra vez com o problema da liberdade. O homem livre precisa educar sua vontade já que esta é responsável por seus atos de escolhas.

Para a compreensão da educação moral Rousseau parte do princípio de que existem no homem dois tipos de dependências: uma que é imposta pela natureza, e outra pela sociedade. A dependência da natureza não prejudica a liberdade nem gera vícios, logo, não tem necessidade de moralidade, mas a dependência da sociedade, sendo desordenada gera vícios. O primeiro passo na educação moral é conservar a criança, unicamente, na dependência da natureza, pois esta é a sua ordem no programa da educação.

> Antes que os preceitos e as instituições humanas tenham alterado nossas inclinações naturais, a felicidade das crianças e dos homens consiste no uso da liberdade. Mas nos primeiros, esta liberdade é limitada pela fraqueza... As crianças, até mesmo no estado de natureza, só gozam de uma liberdade imperfeita, semelhante àquela de que gozam os gozam os homens no estado civil. Éramos feitos para sermos homens; as leis e a sociedade voltaram a mergulhar-nos na infância.[1]

O segundo passo da moralidade é igualar perfeitamente a potencia e a vontade porque no estado de natureza o indivíduo guarda todas as potencias para a

---

[1] ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Tradução Roberto Leal Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 77.

sua ação, desse modo, diminuir o excesso de desejos relativamente às faculdades e igualar potencia e ação consiste a sabedoria humana. Portanto, quando todas as forças tiverem em ação a alma permanecerá tranqüila e o homem se encontrará ordenado.

A natureza dispõe, inicialmente, apenas dos desejos de conservação que as faculdades suficientes para satisfazê-los e todas as outras faculdades ficam reservadas para que o homem utilize-as quando for necessário, portanto, quando as faculdades reservadas entram em ação a imaginação é a mais ativa de todas. A medida do que é possível é ditada pela imaginação, tanto para o bem quanto para o mal e, por conseguinte, provoca e nutre os desejos com a esperança de satisfazê-los.

A imaginação é um distanciamento da condição natural, ao contrário, quanto mais o homem permanece próximo à sua natureza, mais a diferença entre as suas faculdades e os desejos será menor. Será que a natureza leva os homens para tão distante de si mesmos? Se considerarmos esta interrogação, então nos abre a possibilidade de pensar que a natureza seja má, negando assim tudo o que dissemos da liberdade no estado de natureza.

> Ó homem! Fecha a tua existência dentro de ti e não mais serás miserável. Permanece no lugar que a natureza te atribui na cadeia dos seres, nada poderá fazer com que saias dali; não te revoltes contra a lei da necessidade, e não esgotes, querendo resistir a ela, forças que o céu não te deu para estenderes ou prolongares tua existência, mas para conservá-la como lhe aprouver e enquanto lhe aprouver.[2]

Para preservar a liberdade Rousseau aconselha que a homem feche a sua existência em si mesmo. É justamente isto que é impossível no estado social, onde todos os homens necessitam perder a vontade individual em nome da vontade geral, onde a moralidade é definida pela soberania, ou seja, por aqueles que possuem o comando da vontade geral.

Rousseau diz que a pior educação moral é aquela em que a criança fica flutuando entre as suas vontades e a vontade do educador, pois, assim haverá

---

[2] Ibid, p. 75.

sempre uma disputa entre quem decidi mandar e quem obedece. Esse tipo de educação usa métodos como: rivalidades, ciúmes, inveja, vaidade, avidez, temor vil e outros.

Professores insensatos, que usam tais métodos acreditam estarem fazendo maravilhas tornando as crianças más, dizendo que lhes ensinam a bondade. Tentam, assim, todos os instrumentos, menos exatamente aquele que pode dar certo, a liberdade bem regrada. Para Rousseau, outra grande dificuldade é a ideia de que ensinando fábulas a criança aprenderá a moral. Ele ressalta que a moral imbuída nas fábulas não serve para o entendimento das crianças, pois, as fábulas podem instruir os homens, mas devem dizer a verdade para as crianças.

> Digo que uma criança não entende as fábulas que lhe ensinamos porque, por mais que nos esforcemos por torná-las simples, o ensinamento que se quer tirar delas obriga-nos a introduzir nelas ideias que a criança não pode compreender.[3]

1.1.2. Educação da intelectualidade ligada ao interesse sensível

O desenvolvimento da memória está ligado ao desenvolvimento do raciocínio, assim, a educação da intelectualidade da criança está ligada aos interesses sensíveis, ainda inerentes a sua condição. Esta educação leva em consideração a crítica feita por Rousseau à aparente facilidade que a criança possui de aprender.

Para o pai do racionalismo moderno, René Descartes, o desenvolvimento da intelectualidade está ligado somente à razão. Rodrigo pelloso Gelamo parafraseando Descartes afirma:

> Todos nascemos com a mesma capacidade para pensar. Esse é um pressuposto de sua filosofia que deve ser levado em conta. Todos os homens munidos de uma qualidade que os distingue dos outros animais: a

[3] Ibid, p. 122.

> razão ou a capacidade de raciocinar. Essa qualidade é a essência humana, que não pode ser encontra em mais nenhum ser vivente.[4]

Embora a memória e o raciocínio sejam duas faculdades essencialmente diferentes, uma não se desenvolve eficazmente sem a outra, sendo assim, antes que a criança atinja idade da razão, ela não recebe idéias, apenas imagens, e a diferença entre uma e a outra é que as imagens são pinturas absolutas dos objetos sensíveis e as ideias são noções dos objetos determinados por relações.

> Existo e tenho sentidos pelos quais sou afetado. Eis a primeira verdade que me impressiona e que sou forçado a aceitar. Existir para nós é sentir. Nossa sensibilidade é incontestavelmente anterior a nossa inteligência, e tivemos sentimentos antes das ideias.[5]

Não adianta forçar à criança, uma educação que lhe ensine o que na sua fase não está apta a aprender. Nessa fase da intelectualidade ligada aos interesses sensíveis a criança só aprende sensações, que são meramente passivas, ao passo que todas as nossas percepções ou ideias nascem de um princípio ativo que julga, mas, a criança não tem capacidade de julgamento, não desenvolverá a verdadeira memória. Todos os saberes da criança, nesta fase, não passaram ainda para o entendimento.

Rousseau critica todas as práticas de educação que não se enquadram na fase da intelectualidade ligada aos interesses sensíveis. Para ele, é preciso que eduque aproveitando toda oportunidade dada pela própria natureza, isto é, todos os momentos da criança, bem como suas relações com o meio e com os outros, nada de enchê-la de atividades e exercícios que não correspondem ao interesse sensível que precisa ser desenvolvido.

Com base nesse princípio Rousseau diz que a carga de disciplinas oferecidas pelos pedagogos são somente palavras, "entre as disciplinas que dizem ensinar

---

[4] GELAMO, Rodrigo Pelloso. Filosofia do sujeito, Pedagogia da Razão e Educação da Infância em René descartes. In: PAGNI, Pedro Ângelo, SILVA, Divino José da. (org). **Introdução à Filosofia da Educação**: Temas contemporâneos e história. São Paulo: Acercamp, 2007. p. 125-144.

[5] OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de, APUD Rousseau. In: **Filosofia da Educação:** Reflexões e Debates. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 69.

evitam escolher as disciplinas que seriam realmente úteis para as crianças".[6] A divisão das disciplinas não atende ao projeto de educação integral da criança, pois, não se deve oferecer um saber que não educa o todo. Deste modo, percebemos o cuidado que o projeto pedagógico de Rousseau tem em buscar e preservar a liberdade.

Para ele, o estudo das línguas constitui uma das inutilidades da educação, pois precisamos dar às crianças tantos sinônimos quanto quiseram: mudamos as palavras e não a língua, pois as crianças nunca aprenderão mais de um idioma. Ele também critica o estudo da geografia oferecido às crianças, tendo em vista que o esforço de ensinar-lhe determinadas signos, por exemplo, os mapas sem que a criança tenha ideia do que está ali está representado de nada adianta. A incapacidade da criança de "lê" os signos oferecidos requer uma educação que evite o amontoamento de símbolos e signos, salas muito enfeitadas e todo tipo de aparelhagem comumente utilizada na educação infantil.

Outra disciplina que, segundo Rousseau, não faz sentido estudar nessa fase é a história, pois esta é um conjunto de fatos e a criança não compreende tal conceito, uma vez que para compreender um fato histórico, engloba um conjunto de muitos outros conhecimentos, ainda não presentes na criança, pois, se assim não for, o estudo da história para qualquer idade será simplesmente contar fatos passados e isto não é compreender a história como resultado das produções humanas ao longo do tempo.

O verdadeiro conhecimento dos fatos passados não é separável de suas causas e de sua moral própria, pois, a ação do homem não é apenas movimento exterior e puramente físico de tal modo que o homem é quem dá sentido a sua ação, e a criança ainda não consegue discernir o sentido de suas ações e nem a divisão do tempo histórico, razão pela qual Rousseau reprova o ensino da cronologia.

Rousseau reprova a educação livresca, pois, segundo ele, a espécie de memória que uma criança tem, não permanece ociosa quando não a ocupamos com os estudos dos livros. A partir desse ensinamento Rousseau questiona: com que a

---

[6] ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Tradução Roberto Leal Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 115.

criança vai suprimir a ociosidade da sua memória? E quais os métodos que satisfarão a curiosidade de conhecer senão o aproveitamento dos livros?

Rousseau responde a essa objeção dizendo que tudo que a criança vê, ouve, a impressiona, ela guarda em si mesma o registro das ações de das palavras dos homens. Portanto, é importante que observe a escolha dos objetos que ajudarão a criança a obter o conhecimento, ou seja, apresentar continuamente aqueles objetos que ela pode apreender e esconder aqueles que ela deve ignorar. Esse método consiste na verdadeira arte de cultivar a faculdade da assimilação a partir do que a natureza oferece e criar um "depósito" de conhecimentos que servirá para a educação durante a juventude.

Segundo Rousseau, é outra técnica aplicada pelas estruturas de ensino que não produz efeito algum na criança. "através de que prodígio essa arte tão útil e agradável transformou-se num tormento para a infância?" Segundo ele, isto aconteceu porque aplicaram isto na criança contra a sua vontade e a utilizaram de um modo que ela não compreende.

O plano que Rousseau traça segue regras contrárias às que são estabelecidas normalmente e busca ensinar que em vez de levar para longe o espírito do aluno precisamos mantê-lo sempre em si mesmo, atento àquilo que o toca imediatamente, e só assim, ele será capaz de percepção, de memória e de raciocínio.

Rousseau propõe um projeto pedagógico que ajude o homem a manter sua liberdade, pois, diante das estruturas sociais esta é ameaçada. O seu método funciona como assegurador da liberdade. Até que ponto esse "sonho pedagógico" é possível de se tornar realidade? A dúvida que nos vem em relação às estruturas domésticas e escolares: elas oferecem possibilidades para a execução dessa educação proposta por Rousseau?

Fica claro, portanto, pela leitura do *Emílio* que o ambiente da educação não é somente a escola, mas além dela, existe a casa onde a criança vive o seu próprio meio. Para Rousseau a educação da sensibilidade, da moralidade e da intelectualidade ligada aos interesses sensíveis é a primeira parte do processo de desenvolvimento da percepção, da memória e do raciocínio.

1.1.3. Educação do corpo

> Quereis, então, cultivar a inteligência de vosso aluno; cultivai as força que ela governa. Exercitar de contínuo seu corpo; tornai-o robusto e sadio, para torná-lo sábio e razoável; que ele trabalhe, aja, corra e grite, esteja sempre em movimento; que seja homem pelo vigor, e logo o será pela razão.[7]

Rousseau começa a falar da educação do corpo definindo dois tipos de homens: os camponeses e os selvagens que pensam muito pouco, um como o outro em cultivar sua alma. Enquanto os camponeses sempre fazem o que mandam, ou que viu seu pai fazer ou que ele próprio fez desde a juventude seguindo sempre sua rotina, onde o hábito e a obediência ocupam o lugar da razão, o selvagem por não está ligado a nenhum lugar, é forçado a raciocinar a cada ação de sua vida, assim quanto mais seu corpo exercita, mais seu espírito se ilumina, desde modo, sua força e sua razão crescem mutuamente. O "aluno da natureza" age sempre de acordo com o seu pensamento unindo continuamente as duas operações, a força e a razão, assim quanto mais forte e robusto se torna, mais sensato e judicioso fica.

Nos modelos de educação mais rigorosos o mestre manda e acredita ter o controle da situação, mas na verdade quem governa é a criança. Rousseau pede que os instrutores façam com seus alunos o caminho oposto, que eles sempre acreditem serem os mestres, e que eles sempre o sejam, pois deixar a criança dona de suas vontades não incentiva os seus caprichos, assim a criança fazendo sempre o que lhe convém logo só fará o que deve fazer e, embora seu corpo esteja em contínuo movimento terá capacidade de desenvolver a razão bem mais apropriada que em estudos especulativos.

Desta forma, o contínuo exercício aplicado a criança ao fortalecer o corpo, fortalece também o espírito e assim forma na criança a única espécie de razão de que sua idade é capaz, a razão sensitiva. Esses exercícios ensinam a criança a conhecer o emprego de suas forças, as relações entre seu corpo e os corpos dos que lhe circundam, o emprego dos instrumentos naturais que estão ao seu alcance e que são adaptáveis aos seus membros. Deste modo, a razão sensitiva servirá de base para educação intelectual.

---

[7] Ibid, p. 129.

Rousseau, em sua obra *O Emílio*, apresenta-nos uma lista de atributos que precisam ser educados. Como já demonstramos, escolhemos a sensibilidade, a moral, a intelectualidade ligada aos interesses sensíveis e o corpo, a essa fase da educação Rousseau chama de "idade de natureza", o que equivale à idade de dois a doze anos, período crucial para a formação da razão sensitiva, assim, quando a criança alcança essa razão ela, então, está preparada para passar da "idade da natureza" para a "idade da força", esta última corresponde a idade dos doze aos quinze anos.

1.1.4. Educação da intelectualidade ligada à utilidade

Trataremos aqui da educação intelectual ligada à utilidade, ou seja, educação social e manual. Rousseau defende que a razão sensitiva serve de base para educação intelectual, assim a formação da intelectualidade propriamente dita se dá na passagem da infância para a adolescência. Nesse intervalo o individuo pode mais do que deseja, embora não seja o período de sua força absoluta. Rousseau sempre recorre a experiências para o fortalecimento das forças físicas, e também, sobretudo, da capacidade do espírito que completam e dirigem o indivíduo.

Para Rousseau, a inteligência tem limites e como o homem não pode aprender tudo, é necessária uma escolha daquilo que deve ser ensinado, assim como o tempo próprio para ensiná-las. Para ele, os conhecimentos que contribuem para o bem-estar do homem são os únicos dignos de pesquisa de um homem sábio. A proposta de Rousseau não é saber o que existe, mas saber o que é útil. Como vimos, na primeira etapa da educação abordamos a lei da necessidade, agora trataremos da lei da utilidade. Nessa relação entre necessidade e utilidade percebemos que assim como o corpo procura desenvolver-se, o espírito procura instruir-se.

A criança apresenta-se primeiramente inquieta, depois se torna curiosa, de tal modo, que é preciso distinguir as inclinações que vem da natureza daquelas que vêm da opinião. O desejo inato do bem-estar e a possibilidade de satisfazê-lo plenamente fazem com que procure sem cessar novos meios de realizá-lo, o que chamamos de princípio da curiosidade.

ICESPI - Biblioteca
10600 02/10/14

O processo de formação da intelectualidade tem sua base nas sensações, transformar tais sensações em ideias é o salto que precisa ser dado, mas não saltar dos objetos sensíveis para os intelectuais, antes é pelos primeiros que chegaremos aos outros, assim os sentidos são os primeiros guias das operações do espírito.

1.2. Primazia da emoção no processo educativo

O modelo pedagógico de Rousseau se apresenta como tentativa de conservação da liberdade e o cumprimento desse modelo se dar na emoção. Isto porque o aluno é colocado no lugar que a natureza lhe reservou e assim usará de métodos naturais para criação da força e desenvolvimento do intelecto. Nesse modelo educativo a emoção tem primazia.

A educação da sensibilidade proposta por Rousseau e aplicada ao seu personagem utópico, Emílio, leva em consideração alguns métodos que ajudam a criança a conservar a liberdade, assim deve propiciar uma educação que ajude a criança ser ela mesma, dando-lhe o espaço que a ela pertence, deste modo Rousseau condena todo tipo de exageros de cuidados, pois, segundo ele, isto não desenvolve a sua autonomia.

Para Rousseau, educar a sensibilidade da criança não é aceitar todas as manifestações da mesma, e nem deixar que ela domine o espaço que é dos outros. Os pais que aceitam todas as exigências da criança e nunca lhe diz "não"; transfere para a criança a função de sua autoridade. Rousseau ressalta que deve ensinar a criança a obedecer e não a mandar nas situações, visto que ela terá que enfrentar períodos quando crescida. Rousseau orienta que deixe as crianças livres, mesmo que se machuquem, pois todos os tombos levados durantes a infância, caso gere satisfação e bem-estar, lhes serão todos grandiosos.

> Longe de estar atento a evitar que Emílio se machuque, eu ficaria muito aborrecido se ele nunca se ferisse e crescesse sem conhecer a dor. Sofrer é a primeira coisa que deverá aprender e que ele terá maior necessidade de saber.[8]

[8] Ibid, p. 65.

A criança que podendo mais por si mesma, precisa com menos frequência recorrer aos outros. Esse processo como já falamos é aquele que a criança se torna árbitro de si mesma, ou seja, os meios de conservação, outrora dos pais, passa a ser assumidas, gradativamente por ela mesma. Assim, os métodos aplicados por Rousseau levam em conta o progresso de suas forças.

Uma vez desenvolvidas as forças, desenvolve-se também o conhecimento que coloca a criança em condição de autodirigir-se. A consciência de si mesma é desenvolvida e o sentimento de identidade é ampliado para todos os momentos de sua existência. Deste modo a definição da identidade dá segurança à criança e a torna capaz de memória e de felicidade. Assim, a sensibilidade formada não pode ser algo frágil, mas potente como a liberdade.

> Homens, sede humanos, este é o vosso primeiro dever; sede humanos para todas as condições, para todas as idades, para tudo que não é alheio aos homens [...]. Amai a infância; favorecei suas brincadeiras, seus prazeres, seu amável instinto.[9]

Rousseau não elabora um plano de educação infantil e muito menos fala da fantasia, mas ajuda os educadores a pensarem numa educação que veja o homem em sua totalidade. Nessa formação da integralidade, a emoção deve ser o suporte às disciplinas curriculares, por exemplo, os materiais didáticos, devem ser devidamente escolhidos a partir da natureza, o que proporcionará aos sentidos do educando uma impressão de frescor que penetra até a sua alma, pois, é no coração do homem que o espetáculo da natureza se revela e, para enxergá-lo e é preciso senti-lo, o que mesmo sentindo a criança ainda não percebe as relações que a ligam com a realidade.

1.3. Contribuição da família no processo educativo

O modelo pedagógico de Rousseau em sua obra *O Emílio* não mostra a família como estrutura tradicional conservadora que intervém diretamente na

---

[9] Ibid, p. 68.

educação dos filhos, visto que sua personagem, Emílio, é órfão e a sua educação inicial foi confiado a sua babá. É na obra *Do Contrato social* que trata a família como uma das mais antigas instituições, considera, pois, que o indivíduo rompe com os laços afetivos familiares na passagem do estado de natureza para o estado social.

> Como instância mediadora entre o indivíduo e a sociedade, a família deveria promover a superação do egocentrisno infantil, tornando o adulto disponível para o convívio social. A ausência de autoridade, porém, acentuada pelo temor dos pais modernos de criar neuróticos e reprimidos, faz com que as crianças fiquem por conta de sua natureza narcísica e não evoluam em direção às normas de convivência.[10]

Não podemos afirmar que Rousseau visse uma espécie de pessimismo nos deveres familiares quando trata desta ruptura, mas pelo contrário, ele usa essa imagem, de ruptura, para falar da lei da necessidade e da conservação. Esta lei da necessidade é aquele conjunto de cuidados que a criança precisa receber da parte dos outros e por isso, podemos dizer que os pais cuidando de seus filhos atendem às suas carências enquanto sua natureza não consegue fazer sozinha.

A criança carece de cuidados, é bem verdade, mas ao mesmo tempo precisa conservar o que lhe é próprio por natureza e o papel é justamente atender a lei da necessidade, mas ajudando-a ser ela mesma. A crítica que Rousseau faz aos pais incide sobre o fato de que estes só pensam em conservar os filhos, o que não é suficiente, pois o papel dos pais é auxiliar na formação da autonomia dos filhos, não lhe concedendo tudo que a lei da necessidade lhe pedir, mas ensinando-os a esforçarem-se por si mesmos.

Para Rousseau, existem entre a mãe e o filho deveres recíprocos, e quando não cumpridos por parte de um, desdenhará o outro. O filho deve amar a mãe antes de saber que este é seu dever, pois se a criança não for fortalecida pelo hábito e zelos necessários, matará seu coração antes mesmo de nascer, este é o primeiro

---

[10] ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2. ed. ver. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996. p. 61.

passo fora da natureza. O segundo é quando ao invés de desdenhar os cuidados de mãe, uma mulher os exagera.

Segundo Rousseau, quando um pai gera e sustenta filhos, com isso ele só realizou um terço de sua tarefa. O pai deve à sua espécie, homens; à sociedade, homens sociáveis, e ao Estado cidadãos. Por isso, a tarefa é dividir as funções da mãe e do pai para libertar o indivíduo das "garras" da mãe e fazer que se cumpram os deveres do pai.

O princípio de conservação é adquirido quando o indivíduo torna-se consciente de si mesmo e árbitro de seus meios de conservação, nessa passagem os pais têm um papel muito importante, é hora de aprender a perder! O cuidado que se deve ter é quanto à transferência da autoridade dos pais para os filhos, dado que a criança quer conhecer o mundo diferente do mundo dos pais, começam a desapontá-los, a desobedecer a regras firmes para os pais.

A rejeição aos costumes familiares é interpretada como atitude de desobediência e, na maioria das vezes, os pais apelam para os castigos em nome da conservação da obediência à sua autoridade. A criança precisa descobrir o seu lugar e isto também deve ser feito com o auxilio dos pais, pois precisam antes de tudo, deixar a criança livre.

CAPÍTULO II
MÉTODO NATURAL E EDUCAÇÃO NEGATIVA

Como já dissemos no capítulo anterior, o método pedagógico de Rousseau é o da natureza. Ele propõe uma educação do homem para a liberdade colocando assim a educação sob os moldes racionalistas no contexto de sua época, uma vez que ele desenvolve sua obra no período iluminista. Deste modo, procuraremos definir aqui o termo educação negativa associando-o a proposta educacional e Rousseau. Para o autor, a educação não consiste em ensinar a virtude ou a verdade, mas preservar o coração dos vícios e o espírito do erro.

O método natural de Rousseau considera que o gênio particular do educando[1] deve ser conhecimento para que o regime moral lhe convenha. Tal regime, não virá de uma educação especulativa ou teórica, mas da experiência adquirida através de atividades que desenvolvam as habilidades próprias do ser moral.

Para Rousseau, é impossível que se possa levar uma criança até os doze anos de idade sem lhe dar alguma ideia de relação humana e da moralidade da ação do homem. É preciso que até esta idade forneça ao aluno as noções necessárias e quando estas se tornarem inevitáveis à sua prática moral é preciso que a limitemos à utilidade. Isto explica o porquê de educar o ser moral do homem a partir da experiência.

---

[1] Neste capítulo utilizamos o termo freireano educando, alargando a discussão acerca da educação, uma vez que este termo pode ser usado tanto para criança como para qualquer estudante, aqui correspondendo à fase de 12 a 15 anos, que o autor chama de *puer*.

2.1. O valor da experiência na formação moral e política do educando

Já tratamos um pouco da educação da moralidade quando falamos da educação integral, agora, vamos prosseguir esta análise evidenciando o caráter da experiência para a educação da moral e política do homem. Esta fase é chamada pelo autor de "idade da razão", período que vai dos doze aos quinze anos.

A compreensão do que é dever e direito é condicionada para o entendimento do educando, porque os seus primeiros deveres são para consigo mesmo; os seus sentimentos mais primitivos concentram-se nele mesmo, então aqui entra um dos grandes problemas da moralidade que é a questão da relação. As primeiras relações são interiores, onde descobrimos onde a criança descobre o seu eu interior e só depois é que ela passa às relações para com as outras pessoas.

O valor da experiência na educação moral para vida política consiste nas três principais máximas apresentadas por Rousseau em sua obra, *O Emílio*: máxima da propriedade que ajudará o educando a encontrar o seu lugar e desenvolver suas potencialidades; máxima da verdade que a preservará da mentira; máxima da caridade que preservará da liberalidade.

A primeira ideia que devemos dar a criança é a da propriedade, ela é incapaz de compreender o que possui (roupas, brinquedos...). Quando a criança alcançar este entendimento, então ela compreenderá que existe uma propriedade antes da sua, que existem outras coisas que não lhe pertencem. Este é o princípio da propriedade.

É normal que a criança antes de entender este processo acumula para si tudo o que lhe damos. "Isso é meu". Esta é a frase mais usada no seu vocabulário, pois, ela ainda não compreende as relações com o meio e com as outras coisas, é preciso, portanto, lhe dar ao que é seu, torná-la proprietária de seus bens e não simplesmente dos bens dos outros. Esta necessidade de dá-lhe o que seu a impulsiona à ação e aqui está o sentido da experiência para o desenvolvimento da moral. É agindo que o indivíduo produz suas potências e atividades.

A possibilidade de manter relações com o meio e de trocar experiências atinge primeiramente ao professor, pois, quando a criança age, o professor participa

dessa integração. É importante que a criança seja educada com o que ela produziu e o professor reconheça: "isso lhe pertence". Faça o educando perceber que naquele trabalho colocou seu tempo, seu esforço, seu sofrimento, sua pessoa, enfim, que ali existe algo seu.

A dimensão das trocas também só é possível quando é entendido o princípio da propriedade. Olhando para o que já possui e para o que produziu a criança será capaz de distinguir o seu lugar e o lugar dos outros. O direito de propriedade é o de permanecer naquelas condições em que a natureza a colocou, o da ação. O estado natural do homem, onde ele é livre, que busca preservar com a educação natural, não é um estado ocioso.

Destaca-se deste modo a máxima da propriedade na educação moral do homem, porque a moral é sempre moral das ações do homem, pois se o homem não agisse no mundo não precisaria educá-lo quanto aos deveres, direitos e justiça. A experiência dará as bases das relações consigo mesmo com os outros. A educação negativa de Rousseau encontra resistência em todos os modelos de educação que não apostam na potência do educando.

A segunda máxima que destacamos é a da verdade, nela o valor moral da verdade é em algum momento apreendido e o não exercício da mesma dá lugar á mentira, ou seja, é uma falha no processo de ensino do educando, pois a educação dos deveres, imposta pela educação comum e pelas convenções, dá lugar aos enganos e as mentiras. O valor da verdade dos fatos é preservado por Rousseau, pois é uma característica exigida pela liberdade, todavia, antes de apresentarmos os argumentos que justificam que a mentira não é natural à condição do educando, demonstraremos os tipos de mentiras identificas por Rousseau.

Existem dois tipos de mentira: a de fato, que diz respeito ao passado; e a de direito, que diz respeito ao futuro. A primeira acontece quando negamos ter feio o que fizemos e, conscientemente, quando falamos contra a verdade das coisas. O fato passado tem uma veracidade e o seu valor quando alterado acarreta a mentira de fato. A mentira de direito acontece quando prometemos o que nem sequer planejamos cumprir.

A mentira de fato não é natural á criança e isto é explicável porque ela experimenta continuamente a benevolência dos outros, assim não tem nenhum interesse de enganá-los, ao contrário, a lei da obediência produz a necessidade de mentir. A mentira de direito é ainda menos natural, pois todos os compromissos da criança são nulos por si mesmos, visto que sua visão é limitada e não pode ir para além do presente, assim quando prometem não sabem o que fazem.

Ao prometer algo para o futuro, ela não promete nada, pois sua imaginação ainda adormecida não é capaz de abarcar dois tempos diferentes. Deste modo, quando a criança promete alguma coisa e não cumpre ela não pode estar mentindo, pois não pode assumir tal compromisso porque não sabe o que estar fazendo quando promete. O mesmo não ocorre quando falta à promessa, pois a criança lembra muito bem de ter feito a promessa, o que não vê é a importância de mantê-la.

Na razão sensitiva a idade da criança não tem capacidade de vê o futuro, não pode prever as conseqüências das coisas, por isso, quando viola seus compromissos não erra contra a sua razão. A lei da obediência exigida pelos professores acaba por querer ensiná-la a dizer a verdade, ensinando- a mentir. O método natural de Rousseau não exige do aluno a verdade e não o faz prometer nada que não possa cumprir.

A terceira máxima da educação moral para a vida política é a máxima da caridade, neste caso, está o exemplo do professor que incentiva a criança a dar esmolas sem ela conhecer o valor do que dá. A esmola é uma ação de um homem que entende o que está dando e entende a necessidade do seu semelhante. A criança, que não conhece nada disso não pode ter méritos ao dar esmolas, pois dá sem caridade. Pelo gosto egoísta da criança, Rousseau só conheceu duas espécies de generosidade: dar o que não lhe serve para nada ou dar o que tem certeza de que será devolvido.

John Locke, em seu *Ensaio sobre o entendimento humano,* concorda com Rousseau quando diz que as crianças devem ser convencidas pela experiência que o mais liberal sempre é o mais dotado. Isso tornará a criança mais liberal na experiência. Ele diz que assim as crianças cairão no hábito da liberalidade.

Rousseau enfatiza o fato de que em vez de apressar na criança alguns atos de caridade, é preferível fazê-los em sua presença e tirar-lhe até os meios de imitar. "É pela relação sensível com a utilidade, com a segurança, com a conservação e com o bem-estar que ele deve julgar todos os corpos da natureza e todos os trabalhos dos homens" [2].

Dado que a experiência forma o ser moral e político do homem e assume o papel de formadora da capacidade de relações, dizemos que ela é também formadora da capacidade de sociabilização, assim tornar-se membro ativo da sociedade, ou seja, ser um ser social é possível para Rousseau, com o rompimento da idade da infância e passagem para a idade da razão.

Quanto à educação política, os conhecimentos de uma criança devem ser nítidos e limitados. Ela deve conhecer do governo em geral apenas o que se relaciona com o direito de propriedade, pois, o direito da liberdade dará todas as condições de desenvolvimento de suas potências, para tanto é preciso que a educação leve o educando facilmente a perceber a necessidade das trocas e colocá-lo em condições de aproveitá-las.

2.2. A influência da pedagogia de Rousseau na escola nova

Com o iluminismo surgiram muitas transformações e uma delas foi a urgência de um novo modelo de educação que libertasse a razão do domínio de poucos intelectuais e burgueses. Uma exigência de transformação da escola tradicional burguesa para um modelo que satisfizesse o ideal de liberdade da Revolução Francesa, assim, o modelo de educação chamado de escola nova, consolidado no século XIX, tem seu ideário fundamentado no modelo pedagógico de Rousseau do século XVIII. Rousseau fez uma verdadeira "revolução copernicana" e também precedeu a descentralização do professor, colocando o educando definitivamente no eixo do processo pedagógico (pedocentrismo).

---

[2] ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Tradução Roberto Leal Pereira. 2. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1762. p. 237.

A escola nova é típica da pedagogia liberal fruto da consolidação do capitalismo e incentivo da revolução industrial. Com estes acontecimentos foram realçados valores como a livre concorrência, a competição, a aceitação do novo, a individualidade e liberdade de pensamento, tudo isso requer uma ampliação da rede escolar bem como uma escola que prepare o educando para o novo.

A escola tradicional tinha por base um modelo social estável. A educação a partir de modelos ideais. A educação da burguesia garantia status, por isso, a escola estava preocupada em transmitir a maior quantidade possível de conhecimento, valorizando, portanto, um ensino intelectualista e livresco.

O que fazer com a educação quando o modelo social muda? Quebram-se os paradigmas educacionais existentes e nascem outros. A possibilidade de continuar pensando em modelos educacionais, em um mundo marcado por transformações sociais, políticas e econômicas que atingem uma rapidez nunca antes experimentada, é uma das principais críticas à escola tradicional. É preciso aprender a aprender, indo além da fixação de conteúdos predeterminados. Daí o interesse por métodos e técnicas, com ênfase no processo do conhecimento do que no produto alcançado, portanto, o importante em primeiro lugar não é o produto do conhecimento e sim o processo.

A escola nova surge no final do século XIX para propor novos caminhos para a educação, que se encontrava em descompasso com o mundo no qual estava inserida. Uma de suas marcas é o esforço de separação da pedagogia da essência da pedagogia da existência. Não se buscava mais a "essência verdadeira", ou seja, o conhecimento especulativo. A pedagogia da existência voltava-se para a problemática do indivíduo que vive e interage com um mundo dinâmico, assim na escola nova o educando é sujeito da educação, ocupando o centro do processo educacional.

Na escola nova é exigida do professor uma preocupação com a natureza psicológica do educando, ele se esforça para despertar a atenção e a curiosidade do aluno. Ele é o facilitador da aprendizagem. Quando aos conteúdos, as noções gerais, segundo a escola nova, não seriam transmitidos pelo professor, pois a abstração deve resultar da experiência do aluno, por isso, o conteúdo, que é objeto da aprendizagem, precisa ser compreendido e não decorado.

A metodologia aplicada na tentativa de superar o intelectualismo da escola tradicional consiste no método de "aprender fazendo". Vale a valorização do corpo e acompanhamento psicológico do educando, por isso, programas e horários devem ser maleáveis a fim de atender aos ritmos individuais. O processo de avaliação da escola nova é valido para o próprio aluno e não para o professor, porque representa apenas uma das etapas da aprendizagem e não o centro. A disciplina é tratada com menos rigor, visto que em uma sociedade em mutação é preciso educar para o novo. A tolerância da regra tem por objetivo estimular a responsabilidade e a capacidade de crítica e estabelecer a disciplina voluntária.

> Outra dificuldade da escola nova está no risco do 'puerilismo', ou seja, a supervalorização da criança e a consequente depreciação do adulto. Como resultado pode ocorrer a minimização do papel do professor, ou a sua quase ausência nas formas extremas de não-diretividade. O medo da ação coercitiva tem levado muitos professores a se demitirem de seu papel.[3]

Dentre das inúmeras tendências que se opuseram ao idealismo, puramente teórico, para firmar uma postura que privilegia a prática e a experiência destaca-se sua influência na educação, a corrente filosófica do pragmatismo. Essa corrente recusa os "sistemas fechados", voltando-se para o concreto, para a ação. Ao reduzir o verdadeiro ao útil, o pragmático não está preocupado com a satisfação das necessidades materiais, mas com o desenvolvimento integral do homem e da sociedade.

Terminada esta análise do modelo da escola nova, em vista da leitura feita anteriormente do modelo educacional proposto por Rousseau, encontramos algumas características na escola nova que são frutos da influência de Rousseau, como: o pedocentrimo, o desafio do novo, a desinstalação dos sistemas de opressão, a ruptura com o modelo de educação tradicional, a crítica ao acúmulo de conteúdo e a educação livresca, a metodologia, o pragmatismo ligado ao utilitarismo de Rousseau e o valor da experiência.

---

[3] ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2. ed. ver. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996. p. 171.

2.3. Educação como construção da autonomia

Como vimos nos itens anteriores, no modelo pedagógico de Rousseau está a liberdade, sua preservação e consequentemente a autonomia do educando. Partindo desse princípio é possível fazer a identificação da escola nova com o processo educacional de Rousseau. A construção da autonomia do educando assume o ponto alto do ideal pedagógico de Rousseau. Para melhor compreensão, valemo-nos da *Pedagogia da Autonomia*, do educador brasileiro Paulo Freire. Ele representa uma ruptura com todo tipo de educação que prende o homem a sistemas opressores. Além da *Pedagogia da Autonomia*, que encontra respaldo em Rousseau, também se assemelha a Ideia de liberdade, que Freire chama de emancipação.

Tanto para Paulo Freire como para Rousseau, é necessário que o educando aprenda a ler o mundo, antes das palavras. Uma vez que o educando é colocado no centro do processo da educação, a construção de sua autonomia deve estar centrada na ética, no respeito à dignidade, assim se exige do professor um exercício permanente de manter sua autoridade e, ao mesmo tempo, respeitando a liberdade do educando. Para Rousseau e para Paulo Freire, a eficácia do método e seu rigor devem estar em relação com os afetos necessários às relações educativas.

> A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.[4]

Uma das exigências de Rousseau é que o professor nunca apresente exemplos que o educando jamais o verá realizar. É preciso aprender a ser coerente. Numa linguagem freireana é preciso coerência entre o "saber-fazer e o saber-ser pedagógico" [5]. A construção da autonomia do educando está ligada com o momento de avivamento e desvalorização do trabalho do professor fruto do neoliberalismo,

---

[4] ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, APUD Paulo Freire. In: **Filosofia da educação.** 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996. p. 63.

[5] FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários á prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 11.

diante disso, é exigido ao professor que o seu saber não seja somente apreendido por ele e pelos educandos, mas constantemente testemunhado.

Mesmo que Emílio, personagem imaginário de Rousseau, alcance a "idade da sabedoria" ele nunca estará pronto, isto porque o homem é um ser cultural, histórico e inacabado, portanto, tomar consciência disto é condição para o impulso da ação. Junto com a consciência do ser inacabado está a questão do ser condicionado. A condicionalidade do homem difere da determinação dos outros animais. Sendo o homem condicionado, mas consciente de seu inacabamento ele se lança para o futuro. A sua luta é para não ser apenas objeto, mas sujeito da história.

O respeito à dignidade de cada educando é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceber aos educandos, o que acarreta nos educadores a exigência do uso do bom senso, pois, este comanda a autoridade e não o deixa cair no autoritarismo, deste modo, o educador deve cultivar a humildade e a tolerância, pois estas o ajudarão a desenvolver o respeito á pessoa do aluno, a sua curiosidade, sua timidez e seus erros.

Paulo Freire destaca características humanísticas necessárias às relações de educação e Rousseau expressa o caráter afetivo da educação como possibilidade de educar para a virtude e a felicidade. Para ambos, o homem é "vocacionado" à vida feliz e é o processo de formação integral que deve oferecer as condições para a construção de tal felicidade, felicidade esta, que consiste na busca ou manutenção da liberdade.

Tanto para Rousseau como Paulo Freire, ensinar exige a apreensão da realidade, por isso o professor precisa mover-se com clareza na sua prática pedagógica, facilitando ao educando a capacidade de aprender para transformar a realidade, ou seja, para nela intervir recriando-a. Ensinar exige ainda, alegria e esperança, não somente isso, mas também convicção de que a mudança é possível. É a partir desse saber fundamental que o educador deve programar sua ação político-pedagógica.

CAPÍTULO III
CONTRIBUIÇÃO DO MODELO PEDAGÓGICO DE ROUSSEAU E SUAS IMPLICAÇÕES HOJE

No capítulo anterior, partindo do método natural e da educação negativa, vimos a influência que o modelo pedagógico de Rousseau teve na elaboração da escola nova e no conceito de educação da autonomia de Paulo Freire. Este capítulo é uma tentativa de localizar o pensamento pedagógico de Rousseau e sua pertinência na construção dos modelos pedagógicos modernos e contemporâneos. Vale para tanto, uma reflexão sobre a sua pedagogia e influência, além de uma análise das pedagogias não-diretivas do século XIX.

3.1. A pertinência da pedagogia de Rousseau e seus reflexos na escola

O movimento de inovação da escola teve início com a reflexão pedagógica de Rousseau e marca também a era de transformações profundas. A descoberta do sujeito é uma das grandes conquistas da passagem do modelo medieval de educação para o ideal iluminista. O pensamento de Rousseau localiza-se no iluminismo, período muito rico em reflexões pedagógicas e teve um de seus aspectos marcantes na política educacional no esforço para tornar a escola leiga em função do estado.

Acentuava-se a recomendação do uso das línguas vernáculas, em detrimento do latim, bem como uma orientação pedagógica prática voltada para as ciências, técnicas e oficiais, com o objetivo de mudar o rumo do estudo exclusivamente

humanístico, assim a produção pedagógica de Rousseau, com vista no principio de utilidade, encontra no iluminismo sua base.

A diferença que Rousseau representa em relação aos outros pensadores iluministas é a sua posição menos racionalista e voltada para os sentimentos, o que lhe caracterizou como precursor do romantismo. Ele ocupa um lugar de destaque na filosofia política, suas obras antecipam os ideais da Revolução Francesa, além de ter produzido uma teoria da educação que não ficou restrita apenas no século XVIII. Seu pensamento constitui um marco na pedagogia contemporânea.

As pedagogias não-diretivas do século XIX são os movimentos educacionais que defendiam o não diretivismo no processo educacional, ou seja, que o papel do professor não é dominar o processo, mas considerar a participação efetiva do educando. É importante retomarmos alguns aspectos da pedagogia de Rousseau para podermos confrontá-las com as pedagogias não-diretivas.

O primeiro aspecto que destacamos é que para Rousseau, o homem é um ser autônomo, e que a liberdade e a obediência são pólos complementares da vida do sujeito social e político. A liberdade como valor supremo e a obediência ao pacto é necessário para a integração social, objetivo a ser alcançado por meio do processo educacional elaborado por Rousseau.

Ele centralizou os interesses pedagógicos no educando e não mais no professor. Também se credita à sua pedagogia, a visão do educando como sujeito na relação pedagógica, dotado de peculiaridades e não como "um adulto em miniatura". Em outras palavras, Rousseau defendia que os fins da educação eram formar o ser humano integral educado para si mesmo e não para "Deus" e para a sociedade.

Rousseau preconiza uma educação afastada do artificialismo das convenções sociais, que busque a espontaneidade original, livre da escravidão dos hábitos exteriores, permitindo que o educando aja por interesses naturais e não por constrangimento exterior e artificial. Desconfiado da sociedade constituída, Rousseau teme uma educação que exponha o educando aos vícios e a hipocrisia, por isso, propõe afastar o educando do mundo corrompido e abster-se de transmitir conceitos sobre a virtude e a verdade, a fim de não criar preconceitos que impeçam

o florescimento espontâneo de sua natureza, mas isso não significa deixar o educando no espontaneísmo. Desse modo, Rousseau abre um novo caminho para recuperar as forças originais da criança, o que o coloca como precursor não só das pedagogias do final do século XIX, que valorizam as atividades das crianças como a Escola Nova, mas também de movimentos mais radicais como as pedagogias não-diretivas.

3.2. Implicações do pensamento de Rousseau na educação hoje

O modelo pedagógico de Rousseau elaborado sob a influência do iluminismo repercute na escola de hoje e influencia os educadores a uma reflexão sobre a crise de paradigmas. A implicação do pensamento de Rousseau hoje é sobre a exigência da construção de um novo modelo educacional, evidenciado pela crise dos modelos atuais.

A partir dos anos setenta, perde-se o otimismo da escola nova, cujas promessas de democratização não se concretizaram, sobretudo por marginalizar as camadas populares, que eram consideradas como sua clientela prioritária. Depois da crise da escola nova surge a tendência crítico-reprodutivista que desvela o caráter ideológico da educação reprodutora de desigualdade.

> Entendo, pois, que o processo educativo é passagem da desigualdade à igualdade. Portanto, não só é possível considerar o processo educativo em seu conjunto como democrático sob a condição de se distinguir a democracia como possibilidade no ponto de partida e a democracia como realidade no ponto de chegada.[1]

Em face disso, os educadores se desnorteiam por se sentirem impotentes para desenvolver uma educação de qualidade para todos. Esse momento pode se dizer que é negativista. Posteriormente, percebe-se que essa crítica reprodutivista produziu bons frutos: provocou a reação dos envolvidos no trabalho educativo na busca de outra orientação expressa na tomada de consciência do caráter político do

---

[1] ARANHA, Maria Lúcia de Arruda, APUD Dermeval Saviani. In: **Filosofia da educação.** 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996. p. 218-219.

fazer pedagógico. Surgem as teorias progressistas como uma nova concepção de educação e consequentemente propondo outros caminhos à educação.

O esforço da tendência progressista se faz no sentido de tornar a escola o local de socialização do conhecimento elaborado, possibilitando que a população trabalhadora tenha acesso à escola, cuja função primordial é criar oportunidade para a emancipação do homem.

A contribuição de Rousseau para a educação hoje é a abertura que a sua produção pedagógica oferece á reflexão de novos modelos educacionais, a elaboração de tendências educacionais de cunho libertário e a valorização da sensibilidade para o êxito da ação pedagógica.

Segundo Vera Teresa Valdemarin três elementos justificariam a necessidade de uma releitura de Rousseau hoje:

> Na perspectiva da história das ideias educacionais, a referida obra, O Emílio, inaugura uma nova visão da infância e de sua educação, que é objeto de releituras ao longo do tempo e permanece como questão a ser enfrentada pelos educadores até os dias atuais. Outro fator presente no texto decisivo para a formação do educador contemporâneo são as proposições sobre a prática pedagógica como desdobramento de princípios políticos e, consequentemente, o educador como protagonista do processo. Um terceiro aspecto consiste na capacidade de idealizar o futuro por meio da ação educativa.[2]

O elemento sobre as proposições da prática pedagógica deve ser enfatizado porque se acentuou, em nossos dias, a fragmentação entre proposições psicológicas, políticas e metodológicos sem a necessária configuração num sistema doutrinário do qual possam derivar indicações com a prática educacional. Sobre a capacidade de idealizar o futuro, esta deve considerar a realidade existente, um dado imprescindível do projeto pedagógico.

---

[2] VALDEMARIN, Vera Teresa. Pedagogia, Educação da Infância e o Futuro do Homem: Por que ler Rosseau hoje. In: PAGNI, Pedro Ângelo, SILVA, Divino José da. (org). **Introdução à Filosofia da Educação**: Temas contemporâneos e história. São Paulo: Acercamp, 2007. p. 146.

CONCLUSÃO

Rousseau idealiza um processo educativo que conduza o educando à sua autonomia, o que implica na conservação da liberdade e a prevenção dos vícios e outros desvios a que está sujeito o homem. O conceito de liberdade perpassa todo o projeto pedagógico de Rousseau e transforma-se na máxima da qual emanará toda sua reflexão. É precisamente porque o homem é um ser de liberdade que a educação deve dar conta de todas as exigências feitas pela natureza para que, segundo Rousseau, ele não seja corrompido pela sociedade.

O método proposto para a efetivação de seu projeto pedagógico é o método natural que consiste no exercício da própria natureza, por isso ele aposta na educação das forças e nos esforços do educando, pois este deve aprender primeiro de sua natureza e não de especulações, nisso a proposta pedagógica de Rousseau diverge da chamada escola tradicional, com seu ensino intelectualista e livresco.

Rousseau mesmo sendo iluminista tornou-se uma voz divergente no âmbito do iluminismo, muito do que ele escreveu reflete o ideário iluminista, sobretudo no tocante à crise da racionalidade a partir do século XVIII. Essa crise atinge a educação que se mostra incapaz de cumprir seu papel emancipador, assim Rousseau foi referência válida para a educação do século XIX, as pedagogias não-diretivas, da escola nova do final do século XIX.

As proposições do modelo pedagógico de Rousseau podem ser aplicadas nos modelos de educação atuais, principalmente nas pedagogias que surgiram depois do neoliberalismo, onde se tornou cada vez mais exigente uma educação que considere o homem como ser de liberdade e o coloque na centralidade do processo educativo, assim, o pedocentrismo, a visão não fragmentária do homem, a

valorização da sensibilidade para o êxito da ação pedagógica, o não-diretivismo etc. são características de Rousseau que podem se tornar referências para a elaboração de projetos de educação emancipatória.

Diante da crise que a sociedade contemporânea e a escola enfrentam hoje é necessário que repensemos a proposta de Rousseau para a educação. A grande valorização do sujeito, ou o chamado subjetivismo contemporâneo, que afeta a maneira de se fazer escola precisa ser refletivo à luz da valorização da liberdade da pessoa, mas sem cair no individualismo egoísta, visto que o projeto de Rousseau não é voltar o homem à animalidade, mas preservar a sua liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Filosofia da educação**. 2. ed. ver. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo; Paz e Terra, 1996.

GELAMO, Rodrigo Pelloso. Filosofia do sujeito, Pedagogia da Razão e Educação da Infância em René descartes. In: PAGNI, Pedro Ângelo, SILVA, Divino José da. (org). **Introdução à Filosofia da Educação**: Temas contemporâneos e história. São Paulo: Acercamp, 2007. p. 125-144.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. **Filosofia da educação:** Reflexões e Debates. Petrópolis: Vozes,2006.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou Da Educação**. Tradução Roberto Leal Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Pedagogia, Educação da Infância e o Futuro do Homem: Por que ler Rosseau hoje. In: PAGNI, Pedro Ângelo, SILVA, Divino José da. (org). **Introdução à Filosofia da Educação**: Temas contemporâneos e história.. São Paulo: Acercamp, 2007. p. 146-164.